



# **AS VIRTUDES E OS VÍCIOS DOS PERSONAGENS DOS ROMANCES DE EMMANUEL**

# MÓDULO 1

**A SAGA DO SENADOR  
PÚBLIUS LENTULUS EM HÁ  
2000 ANOS  
Encontro 2**

## ☐ Influência de Flamínio Severus sobre Publius Lentulus

- ☐ [...] - Sabes que os súditos conquistados pelo Império muitas vezes nos olham com inveja e despeito, tornando-se preciso nunca desmerecermos da nossa posição de patrícios.
- ☐ Algumas regiões da Palestina, segundo os meus próprios conhecimentos, estão infestadas de malfeiteiros e é necessário estejas precavido contra eles, principalmente na tua marcha em demanda de Jerusalém. Leva contigo, tão logo aportes com a família, o maior número de escravos para a tua garantia e dos teus, e, na hipótese de ataques, não hesites em castigar com severidade e aspereza.

[...] la a caravana a bom termo, quando, nas proximidades de Jerusalém, ocorre um imprevisto. Um corpo sibilante cortou o ar fino e claro, alojando-se no palanquim do senador, ouvindo-se ao mesmo tempo um grito estridente e lamentoso. Minúscula pedra ferira levemente o rosto de Lívia, determinando grande alarme na massa enorme de servos e cavaleiros.

Entre os carros e os animais que pararam assustados, numerosos escravos rodeiam os senhores, buscando, com precipitação, inteirar-se do fato. Sulpício Tarquinius, num golpe de vista, dá largas ao galope da montada, buscando prender um jovem que se afastava, receoso, das margens do caminho. E, culpado ou não, foi um rapaz dos seus dezoito anos apresentado aos viajantes, para a punição necessária.



■ Publius Lentulus recordou a recomendação de Flamínio, momentos antes da partida, e, sopitando os seus melhores sentimentos de tolerância e generosidade, resolveu prestigiar a sua posição e autoridade aos olhos de quantos houvessem de lhe seguir a permanência naquele país estrangeiro.



Ordenou providências imediatas aos lictores que o acompanhavam, e ali mesmo, ante as claridades mordentes do Sol a pino e sob o olhar espantado de algumas dezenas de escravos e centuriões numerosos, determinou que vergastassem sem comiseração o rapaz, pela sua leviandade.

□ A cena era desagradável e dolorosa.

■ Todos os servos acompanhavam, compungidos, o estalar do chicote no dorso seminu daquele homem ainda moço, que gemia, em soluços dolorosos, sob o látego despótico e cruel. Ninguém ousou contrariar as ordens impiedosas, até que Lívia, não conseguindo contemplar por mais tempo a rudeza do espetáculo, pediu ao esposo, em voz súplice:

□ - Basta, Publius, porque os direitos da nossa condição não traduzem deveres de impiedade...



□ O senador considerou, então, a sua severidade excessiva e rigorosa, ordenou a suspensão do castigo doloroso, mas, a uma pergunta de Sulpício, quanto ao novo destino do infeliz, falou em tom rude e irritado:

- - Para as galeras!...
- Os presentes estremeceram, porque as galeras significavam a morte ou a escravidão para sempre.

□ O desventurado amparava-se, exâmico, nas mãos dos centuriões que o rodeavam, porém, ao ouvir as três palavras da sentença condenatória, deitou ao seu orgulhoso juiz um olhar de ódio supremo e de supremo desprezo. No âmago de sua alma coriscavam relâmpagos de vingança e de cólera, mas a caravana pôs-se novamente a caminho, entre o ruído dos carros pesados e o tilintar das armaduras, ao movimento dos cavalos fogosos e irrequietos.

□ [...] No segundo dia de permanência na cidade, tão logo regressara da primeira visita às instalações da Torre Antônia, onde se aquartelavam contingentes das forças romanas, observando o movimento dos casuístas e dos doutores, no Templo famoso de Jerusalém, foi procurado por um homem humilde e relativamente moço, que apresentava como credencial, tão somente, o coração aflito e carinhoso de pai.



■ Obedecendo mais aos imperativos de ordem política que ao sentimento de generosidade do coração, o senador quebrou as etiquetas do momento, recebendo-o no seu gabinete privado, disposto a ouvi-lo. Um judeu, pouco mais velho que ele próprio, em atitude de respeitosa humildade e expressando-se dificilmente, de modo a fazer-se compreendido, falou-lhe nestes termos:

— Ilustríssimo senador, sou André, filho de Gioras, operário modesto e paupérrimo, não obstante numerosos membros de minha família terem atribuições importantes no Templo e no exercício da Lei. Ouso vir até vós, reclamando o meu filho Saul, preso, há três dias, por vossa ordem e remetido diretamente para o cativoиро perpétuo das galeras...

Peço-vos clemência e caridade na reparação dessa sentença de terríveis efeitos para a estabilidade da minha casa pobre... Saul é o meu primogênito e nele deponho toda a minha esperança paternal...

Reconhecendo-lhe a inexperiência da vida, não venho inocentá-lo da culpa, mas apelar para a vossa clemência e magnanimidade, em face da sua ignorância de rapaz, jurando-vos, pela Lei, encaminhá-lo doravante pela estrada do dever

□ Publius recordou a necessidade de fazer sentir a autoridade da sua posição, revidando com o orgulho característico das suas resoluções:

□ - Como ousa discutir minhas determinações, quando guardo a consciência de haver praticado a justiça? Não posso modificar minhas deliberações, estranhando que um judeu ponha em dúvida a ordem e a palavra de um senador do Império, formulando reclamações desta natureza.

☐ - Mas, senhor, eu sou pai...

☐ - Se o és, por que fizeste de meu filho um vagabundo e um inútil?

☐ Não posso compreender os motivos que levaram meu pobre Saul a comprometer-se dessa maneira, mas, juro-vos que ele é o braço-forte dos meus trabalhos de cada dia.

☐ - Não me cabe examinar as razões do teu sentimento, porque a minha palavra está dada irrevogavelmente.

□ André de Gioras mirou Publius Lentulus de alto a baixo, ferido na sua emotividade de pai e no seu sentimento de homem, esfuziando de dor e de cólera reprimida. Seus olhos úmidos traíam íntima angústia, em face daquela recusa formal e inapelável, mas, desprezando todos os convencionalismos humanos, falou com orgulhosa firmeza:

☐ - Senador, eu desci da minha dignidade para implorar vossa compaixão, mas aceito a vossa recusa ignominiosa!...

☐ Acabais de comprar, com a dureza do coração, um inimigo eterno e implacável!... Com os vossos poderes e prerrogativas, podeis eliminar-me para sempre, seja reduzindo-me ao cativeiro ou condenando-me a perecer de morte infame; mas eu prefiro afrontar a vossa soberbia orgulhosa!...

Plantastes, agora, uma árvore de  
espinhos, cujo fruto, um dia,  
amargará sem remédio o vosso  
coração duro e insensível, porque a  
minha vingança pode tardar, mas,  
como a vossa alma inflexível e fria,  
ela será também indefectível e  
tenebrosa!...

□ O judeu não esperou a resposta do seu interlocutor, amargamente emocionado com a veemência daquelas palavras, saindo do recinto a passo firme e de rosto erguido, como se houvesse obtido os melhores resultados da sua curta e decisiva entrevista.

□ Num misto de orgulho e ansiedade, Púlio Lentulus experimentou, naquele instante, as mais variadas gamas de sentimento a dominar-lhe o coração. Desejou determinar a prisão imediata daquele homem que lhe atirara em rosto as mais duras verdades, experimentando, simultaneamente, o desejo de chamá-lo a si, prometendo-lhe o regresso do filho querido, a quem protegeria com o seu prestígio de homem de Estado; mas a voz se lhe sumiu na garganta, naquele complexo de emoções que de novo lhe roubara a paz e a serenidade.

- Dolorosa opressão paralisou-lhe as cordas vocais, enquanto no coração angustiado repercutiam as palavras candentes e amarguradas.
- Uma série de reflexões penosas enfileirou-se no seu mundo íntimo, assinalando os mais fortes conflitos de sentimentos. Também ele não era pai e não procurava reter os filhinhos perto do coração? Aquele homem possuía as mais fortes razões para considerá-lo um espírito injusto e perverso.

Recordou o sonho inexplicável que, relatado a Flamínio, fora a causa indireta da sua vinda para a Judeia e considerou as lágrimas de compunção que derramara, em contato com o turbilhão de lembranças perniciosas da sua existência passada, em face de tantos crimes e desvios.

□ Retirou-se do gabinete com a solução mental da questão em foco, ordenando que trouxessem o jovem Saul à sua presença, com a urgência que o caso requeria, a fim de recambiá-lo à casa paterna, e modificando, dessa forma, as penosas impressões que havia causado ao pobre André. Suas ordens foram expedidas sem delongas; todavia, esperava-o desagradável surpresa, com as informações dos funcionários a quem competia a providência de semelhantes serviços.

□ O jovem Saul desaparecerá do cárcere, fazendo crer numa fuga desesperada e imprevista. Os informes foram transmitidos à autoridade superior, sem que Publius Lentulus viesse a saber que os maus servidores do Estado negociavam, muitas vezes, os prisioneiros jovens com os ambiciosos mercadores de escravos, que operavam nos centros mais populosos da capital do mundo.

□ Informado de que o prisioneiro se evadira, o senador sentiu a consciência aliviada das acusações que lhe pesavam no íntimo. Afinal, pensou, tratava-se de caso de somenos importância, porquanto o rapaz, distante do cárcere, procuraria imediatamente a casa paterna; e, consolidando sua tranquilidade, expediu ordens aos dirigentes do serviço de segurança, recomendando se abstivessem de qualquer perseguição ao foragido, a quem se levaria, oportunamente, o indulto da lei.

□ O caminho de Saul, todavia, fora bem outro.

□ Em quase todas as províncias romanas funcionavam terríveis agrupamentos de malfitores, que, vivendo à sombra da máquina do Estado, haviam-se transformado em mercadores de consciências.

■ O moço judeu, na sua juventude promissora e sadia, fora vítima dessas criaturas desalmadas. Vendido clandestinamente a poderosos escravocratas de Roma, em companhia de muitos outros, foi embarcado no antigo porto de Jope, com destino à Capital do Império.

□ Antecipando-nos na cronologia de nossas narrativas, vamos encontrá-lo, daí a meses, num grande tablado, perto do Fórum, onde se alinhavam, em penosa promiscuidade, homens, mulheres e crianças, quase todos em míseras condições de nudez, tendo cada qual um pequeno cartaz pendurado ao pescoço. Olhos chispando sentimentos de vingança, lá se encontrava Saul, seminu, um barrete de lã branca a cobrir-lhe a cabeça e com os pés descalços levemente untado de gesso.

□ Junto daquela massa de criaturas desventuradas, passeava um homem de ar ignobil e repulsivo, que exclamava em voz gritante para a multidão de curiosos que o rodeava:

□ - Cidadãos, tende a bondade de apreciar... Como sabeis, não tenho pressa em dispor da mercadoria, porque não devo a ninguém, mas aqui estou para servir aos ilustres romanos!...

- E, detendo-se no exame desse ou daquele infeliz, prosseguia na sua arenga grosseira e insultuosa:
  - - Vede este mancebo!... É um exemplar soberbo de saúde, frugalidade e docilidade. Obedece ao primeiro sinal. Atentai bem para o aprumo da sua carne firme. Doença alguma terá força sobre o seu organismo.
  - Examinai este homem! Sabe falar o grego corretamente e é bem feito da cabeça aos pés!...

□ Nesses pruridos de negocista, continuou a propaganda individual, em face da multidão de compradores que o assediava, até que tocou a vez do jovem Saul, que deixava transparecer, no aspecto miserável, os seus ímpetos de cólera e sentimentos tigrinos:

□- Atentai bem neste mancebo!  
Acaba de chegar da Judeia, como o  
mais belo exemplar de sobriedade  
e saúde, de obediência e de força.  
É uma das mais ricas amostras  
deste meu lote de hoje. Reparai na  
sua mocidade, ilustres romanos!...  
Dar-vo-lo-ei ao preço reduzido de  
cinco mil sestércios!...

■ O jovem escravo contemplou o mercador com a alma esfervilhante de ódio e alimentando, intimamente, as mais ferozes promessas de vingança. Seu semblante judeu impressionou a multidão que estacionava na praça, aquela manhã, porque um intenso movimento de curiosidade lhe cercou a figura interessante e originalíssima.

□ Um homem destacou-se da multidão, procurando o mercador, a quem se dirigiu à meia voz, nestes termos:

□ - Flacus, meu senhor necessita de um rapaz elegante e forte para as bigas dos filhos. Esse jovem me interessa. Não o darias ao preço de quatro mil sestércios?

□ - Vá lá - murmurou o outro em tom de negócio -, meu interesse é bem servir à ilustre clientela.

□ O comprador era Valério Brutus, capataz dos serviços comuns da casa de Flamínio Severus, que o incumbira de adquirir um escravo novo e de boa aparência, destinado ao serviço das bigas dos filhos, nos grandes dias das festas romanas.

¶ Foi assim que, imbuído de sentimentos ignóbeis e deploráveis, Saul, o filho de André, foi introduzido, pelas forças do destino, junto de Plínio e de Agripa, na residência da família Severus, no coração de Roma, ao preço miserável de quatro mil sestércios.

□ [...] Deixando as companheiras no local do costume, em virtude daquela circunstância, Ana não pôde reparar que, logo após a sua ausência, Sêmele se retirou apressadamente em demanda de uma casa oculta entre oliveiras numerosas, ao fim de uma viela quase completamente abandonada.

- Algumas pancadas na porta e uma senhora de boa aparência veio atendê-la, solícita.
  - - Chegou o nosso amigo? - perguntou a empregada, fingindo preocupação.
  - - Sim, o senhor André aqui está desde ontem. à sua espera. Faça o favor de esperar um pouco.

□ Daí a minutos, uma personagem de nosso conhecimento vinha ter com Sêmele, num dos ângulos da sala, abraçando-a com efusão, como se fosse pessoa de sua profunda estima.

□ Era André de Gioras, que vinha a Cafarnaum para o golpe de represália, favorecido por uma aliada que a sua sede de vindita conseguira colocar, em Jerusalém, na casa de Publius Lentulus, através de uma sagacidade cruel.

□ Depois de longa palestra em voz muito baixa, ouçamos a serva do senador, que lhe fala nestes termos:

□ - Não há dúvida... Já consegui captar toda a confiança dos patrões e a simpatia do pequeno. Pode, pois, ficar tranquilo, porque o momento é oportuno, visto que o senador pretende voltar para Roma em breves dias!

□ - Infame! - exclamou André, cheio de  
cólera - já pensa, então, no regresso?  
Muito bem!... Aquele maldito romano  
conseguiu escravizar para sempre o meu  
pobre filho, desatendendo às minhas  
súplicas paternas, mas há de pagar muito  
caro a sua ousadia de conquistador,  
porque seu filho há de ser um servo da  
minha casa! Um dia, hei de mostrar-lhe a  
minha desforra, provando-lhe que também  
sou um homem!...



PROJETO

# ESPIRITIZAR

Qualificar e Humanizar para Espiritizar

